

SEMANA PEDAGÓGICA

ANEXO 2



“ FEVEREIRO ”
2015

REINVENTANDO A ALFABETIZAÇÃO¹

Luciléia Rodrigues de Freitas ²

“Ora, cada indivíduo difere entre si de acordo com suas potencialidades, interesses, motivações, ritmos de aprendizagem, daí a necessária diversificação do processo educativo”. (Maria Helena Novaes)

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Jamais a educação teve papel tão preponderante como o que tem em nossos dias. Em todas as épocas e todas as sociedades, as crianças receberam instrução para a idade adulta, mas atualmente a escola é que assumiu a tarefa de realizar o objetivo educacional mais importante: formar a criança para a vida.

A educação é um fato cultural que pode assumir as mais diversas formas e modalidades, dependendo do grau de desenvolvimento da sociedade. Ao longo dos séculos, o mundo infantil foi variando e a história revela que as crianças foram alvo de maus-tratos, abandono e até mesmo de infanticídio desde os tempos remotos até os nossos dias. Não obstante, apesar de tais práticas serem comuns, sempre houve interesse em educar as crianças e dar-lhes um tratamento mais humanitário.

¹ Texto disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a18.pdf>

² Mestre em Educação, Psicopedagoga e Pedagoga; Coordenadora e Professora bibliotecária da E.M.Paulo Japyassu; Professora da UNIPAC- Leopoldina.

Com o aparecimento da família moderna, o conceito de infância mudou radicalmente. Agora os filhos ocupam um lugar central, e sua educação é legalmente obrigatória, em casa e na escola.

Até o século XIX, os textos tinham que ser laboriosamente copiados à mão e por isso eram raros e caros. Com a Revolução Industrial, o aperfeiçoamento da imprensa alterou esta situação, tornando os textos e documentos mais acessíveis à população. Incluíam-se neles os livros e panfletos, mas também muitos tipos de impressos rotineiros, essenciais para o funcionamento de uma sociedade cada dia mais complexa. O uso sempre maior de materiais escritos em muitos âmbitos diferentes da vida levou à necessidade de alfabetizar a população. Assim, a obrigatoriedade escolar surge ainda no século XIX, mas se propaga lentamente e de maneira caótica. Cada país foi incorporando o princípio da escolaridade obrigatória de acordo com sua situação política, econômica e social. A escolaridade obrigatória e gratuita implica um ensino não seletivo, cujo objetivo principal é a formação básica da criança, facilitando-lhe os recursos necessários para desenvolver suas habilidades e capacidades, de modo a intervir de forma racional e ativa na vida social.

A educação não é uma tarefa neutra e a escola também não é uma instituição isolada, mas faz parte do contexto social e para ela converge a ação dos pais, dos mestres e dos alunos. Pouco a pouco a escola foi deixando de ter o papel onipotente de ser a educadora exclusiva das crianças. Embora a realização técnica da ação educativa seja levada a termo pelos professores, exige-se cada vez mais um compromisso ativo de todos os integrantes da comunidade.

É imprescindível que a família se sinta parte da comunidade escolar. A unidade de critérios e a harmonia na ação de pais e professores são essenciais para alcançar objetivos válidos. A principal finalidade da escola é, antes de mais nada, educar. Para poder cumprir esse objetivo de modo coerente, deve existir um planejamento que organize e estabeleça a ordem das prioridades necessárias para se conseguir que o processo educativo se desenvolva bem e beneficie o maior número de pessoas.

Durante séculos os conhecimentos transmitidos aos alunos permaneceram inalterados: a sociedade avançava muito devagar e a escola refletia essa quase imobilidade. A escola de hoje, ao contrário, caracteriza-se pela complexidade e pelo dinamismo. Não se trata mais de apenas transmitir conhecimentos, mas também de incutir o senso de responsabilidade e despertar o espírito de participação nas crianças. O conteúdo do ensino é diversificado e os alunos de hoje têm liberdade para expressar suas inquietações e interesses. A relação pedagógica entre o professor e a criança fundamenta-se na flexibilidade e no respeito mútuo, ao mesmo tempo em que o mestre estimula a criatividade individual e o trabalho em equipe.

A escola tradicional encarregava-se de formar o cérebro e fazer dele um arquivo de conhecimentos. Por trás desses objetivos, encontrava-se a tentativa de forjar uma pessoa receptiva, dócil e obediente. Educava-se a criança em si mesma e ela não era considerada em relação ao grupo ou à sociedade. Estimulava-se a competição como base metodológica para a motivação, sem medir as rivalidades ou as exclusões que poderia produzir.

A escola tem que selecionar os objetivos e os valores que quer transmitir aos alunos. Progressivamente, percebeu-se a necessidade de criar um modelo de acordo com as exigências da vida social. O currículo escolar é o marco no qual se concretiza a totalidade dos elementos da educação formal – objetivos, conteúdos, atividades, metodologia, avaliação – e é um instrumento útil e válido para orientar a prática pedagógica.

Na década de 1950, as crianças aprendiam na escola tudo que era preciso para enfrentar, de maneira satisfatória, suas necessidades futuras de trabalho. Hoje em dia, isso seria inconcebível. Na sociedade pós-industrial, o desenvolvimento tecnológico, os avanços científicos e as relações sociais evoluem num ritmo vertiginoso. A instituição escolar, embora mais lentamente, também vai se modificando. O planejamento educacional (objetivos, metodologia, programas), está sendo objeto de contínua revisão, já que hoje a tarefa dos alunos, assim como a tarefa dos professores, vai se tornando mais variada e complexa.

Atualmente, a escola se vê diante de dois importantes desafios, de um lado persiste a necessidade de conservar os conhecimentos tradicionais, reunidos na trajetória da humanidade, e de outro impõe-se o rápido avanço no campo científico, técnico e social, exigindo que a escola dê meios à criança para desenvolver as habilidades necessárias à sua futura vida profissional.

Assim, hoje, a escola tenta ensinar aos alunos a aprender, quer dizer, trata de facilitar-lhes os processos necessários para que adquiram o conhecimento de maneira racional e autônoma. O domínio das estratégias de aprendizado dá a quem aprende o poder de organizar suas próprias atividades. Isso requer a aquisição de uma série de técnicas e uma reflexão sobre o modo de utilizá-las.

Embora os modelos e métodos pedagógicos possam variar de escola para escola, a legislação fixa um currículo mínimo e também uma carga horária para todos os estabelecimentos de ensino, públicos ou privados. Assim, é fixada minuciosamente a estrutura pedagógica, mas há margem para adaptação e ajustes, que se tornam necessários porque os processos e empregados devem levar em conta as diferenças regionais e individuais.

Os métodos de ensino não são bons nem maus, em termos absolutos, e podem se classificar em função da quantidade e qualidade de ajuda pedagógica que oferecem aos alunos. Para que um tipo de aprendizado seja realmente válido e tenha sentido, é necessário que a maneira de ensinar facilite a motivação. Praticar os métodos que incluem o uso de projetos e pesquisa por parte do aluno é elemento importante para facilitar o aprendizado e fomentar a construção do conhecimento.

Como princípio geral, deve-se levar em conta que os alunos têm ideias previamente adquiridas sobre o que o professor pretende ensinar-lhes. As ideias não se transformam nem se instalam imediatamente, devendo ganhar um significado prático para o aluno. Durante a realização do projeto de pesquisa, as soluções para os problemas apresentam-se depois que eles são confrontados. A partir da pesquisa, os conceitos organizam-se de maneira mais sólida, permitindo aos alunos combinar os elementos que formam sua experiência e relacioná-los entre si.

É um erro pensar que a criança não sabe nada antes de começar a ir à escola. Ela não é um papel em branco nem a escola irá proporcionar-lhe todos os conhecimentos que necessita. Na verdade, o processo é inverso: a criança já chega à escola “equipada” com uma história pessoal, com uma série de habilidades adquiridas que, se não existissem, tornariam impossível qualquer tipo de aprendizado. Suas capacidades motoras, de percepção e de fala já terão permitido ao pequeno descobrir seu ambiente mais próximo, seu círculo de relações sociais deverá ter-se ampliado e, em contatos mais imediatos ele poderá reconhecer os vínculos existentes entre seus familiares.

Então, a escola moderna é onde aprendemos a aprender. E aprender é interiorizar, representar e conceituar a realidade que nos rodeia. Assim como estabelecer uma relação com os conceitos. O aprendizado da realidade se faz interagindo com ela, transformando o conflito em possibilidade. Para que isto seja possível, é preciso manter uma atitude de permanente curiosidade.

Além dessa postura de busca e indagação constante, há uma série de requisitos que devem ser respeitados: é preciso renunciar à ideia de que já sabemos tudo e podemos fazer tudo; faz-se necessário aceitar a frustração e deve-se perder o medo do fracasso, do desconhecido. Também é importante ter sempre à disposição situações para optar, uma vez que toda escolha entre as duas partes de um problema implica uma perda e exige certa capacidade de renúncia. Por fim, competir e estar aberto a todas as possibilidades fazem parte do aprendizado para a vida.

O aprendizado é o fenômeno central da evolução infantil. Uma criança aprende por meio das relações que estabelece com seu ambiente. Assim acontece no processo de alfabetização e letramento.

2 A DESCOBERTA DAS LETRAS

O aprendizado da leitura e da escrita condiciona toda a trajetória das crianças na escola. Na verdade, para a aquisição desses conhecimentos, costumava-se reservar os dois primeiros anos do primeiro grau: um para a iniciação à língua escrita e outro para sua consolidação; na atualidade, todos os períodos da Educação Infantil estão voltados para a alfabetização. No entanto, não basta saber ler: é preciso também que o pequeno compreenda e assimile o conteúdo do que estiver lendo.

Ler, muito mais do que um simples ato mecânico de decifrar sinais gráficos, é principalmente um ato de raciocínio. Há crianças para as quais é difícil aprender a ler. Este aprendizado, para o qual a maioria dos pequenos precisa apenas de alguns meses, pode levar anos para essas crianças. Se as observarmos, veremos que elas têm dificuldade para associar os sons às letras, e daí passam a encarar a leitura como um trabalho de decifração, sem levar em conta o significado do que leem. Aprender as letras se transforma, então, numa finalidade em si, e elas não percebem que essa habilidade não é uma meta, e sim um instrumento que as levará a

conhecer outras coisas.

Se quisermos estimular nos pequenos o gosto pela leitura devemos começar pelo exemplo. Quando eles veem os pais lendo e demonstrando gostar de ler, vão chegando à conclusão de que ler é agradável e divertido. Aos se iniciarem na leitura, as crianças gostam de fazer brincadeiras práticas, pois estão na fase da decifração e não se importam com o que leem, apenas se entusiasmam por serem capazes de ler. Os pais e os professores podem aproveitar todos os momentos em que estão com os filhos e alunos para ler com eles os anúncios luminosos, os cartazes, as tabuletas das lojas, das estradas etc. Devem ainda ler histórias para eles, demonstrando que há muita coisa interessante nos livros.

Mas como desenvolver práticas pedagógicas, desde o período da Educação Infantil, em que o trabalho com a linguagem se mostra, ao mesmo tempo, significativo e capaz de levar as crianças a compreenderem como a língua funciona? Como fazer com que as crianças usem e explorem a língua, cada vez mais e melhor, com disposição e curiosidade, tanto na modalidade oral como escrita?

No âmbito dos estudos da alfabetização, da leitura e da escrita, tem surgido a temática do letramento relacionada às práticas sociais orais e escritas que atravessam e condicionam o movimento dos sujeitos, determinando seus espaços de ação. Esses estudos, orientados principalmente por pesquisas que se desenvolvem na confluência das áreas da linguagem, da literatura, da cultura e da história vêm contribuindo com novas reflexões para os estudos sobre alfabetização e, em consequência, para a prática pedagógica com a linguagem na escola. Nesse contexto, as atividades orais e de leitura e escrita podem ser mais bem compreendidas no sentido da formação do cidadão-leitor crítico.

Para Paiva *et al.* (2003), em sociedades como a brasileira, a linguagem escrita institui-se como um cinturão de poder. Algumas pessoas ficam dentro desse cinturão e muitas ficam de fora. Os usos e funções sociais da escrita estão distribuídos como os bens econômicos, de modo desigual, fazendo com que mesmo pessoas com muitos anos de escolarização não tenham acesso ao conhecimento e ao uso de determinados gêneros textuais. Podemos dizer que são pessoas alfabetizadas, mas não letradas, isto é, com acesso interdito a determinados modos de funcionamento da linguagem. Pessoas que fazem uso da linguagem escrita, em geral, em situações simples, ligadas ao cotidiano, a tarefas de ordem prática, como ler e escrever o próprio nome, um pequeno bilhete ou uma lista, isto é, fazem um uso reduzido da linguagem escrita.

Considero, como Paiva *et al.* (2003), que a escola deve ir além dos aspectos práticos da vida, sem deixar de incluí-los. A escola é o espaço de alargar, conhecer e adentrar novos universos, que possam dar outros significados à vida, contribuindo para que se compreenda a realidade de outras maneiras. E de que maneiras se pode conhecer e compreender a realidade? Penso que se pode conhecê-la e explicá-la com os saberes que vamos construindo no nosso cotidiano; pode-se também conhecê-la na perspectiva das explicações científicas, isto é, fruto dos saberes organizados pelos diferentes ramos da Ciência; pode-se, de outro modo, analisá-

la com as indagações e reflexões da Filosofia, ou da Religião; e pode-se, entre outros modos, experimentá-la com o conhecimento construído pela Arte. A apropriação de tais conhecimentos nos alarga o entendimento da realidade, possibilitando-nos participar da mesma, transformá-la, explorá-la e usufruir da realidade mais amplamente.

Os conhecimentos acima mencionados, construídos no desenvolvimento das diferentes áreas de estudo, caracterizam as sociedades letradas. Desse modo, para sermos considerados letrados precisamos compreender aqueles variados modos de ler o mundo, conhecendo a forma como a linguagem escrita se organiza, apresentando os diferentes conhecimentos de modos diferentes.

Assim, diferentes que somos, podemos resolver nossas vidas de modos também diferentes. A leitura, na atualidade, desde as séries iniciais precisa compreender textos de um modo geral mais polissêmicos e polifônicos do que os textos veiculados pela cartilha há oitenta anos. Polissêmicos, porque são passíveis de muitas leituras, dependendo da história de vida do leitor, de seus interesses, apreensões e assim por diante. Polifônicos, porque na voz do autor estão vozes de outras pessoas, de outros autores, da sociedade, da história.

Para tanto, sugiro o trabalho com a literatura, afinal, demanda modos de leitura que levam o leitor a aprofundar suas competências. Ao buscar ler nas entrelinhas, atribuir novos sentidos para os textos, conhecer formas mais livres de ação na realidade, conhecer novos sistemas de referência do mundo, o leitor pode-se perceber como sujeito capaz de transformar a realidade, participando dela de forma mais íntegra, mais crítica.

Nossa meta principal é incentivar entre os professores a reflexão das relações entre as temáticas alfabetização, linguagem, letramento e leitura da literatura, trabalhando por práticas leitoras culturalmente referenciadas, fazendo um contraponto com as práticas leitoras tradicionais, muitas vezes mecanizadas e distanciadas do universo social. Pretendemos incentivar essa discussão de modo a contribuir para que ultrapassem práticas mecanizadas de trabalho com a linguagem na escola, notadamente na perspectiva das práticas orais e das práticas de leitura e de escrita, na direção do que constitui o funcionamento do chamado mundo letrado.

Para tanto, faz-se necessário discutirmos as perspectivas metodológicas para a prática alfabetizadora e para o trabalho com a linguagem na escola, no sentido da relação alfabetização e letramento.

3 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Desde que nascemos, a linguagem está presente em todos os momentos de nossas vidas, por isso ela tem um papel fundador. É importante, então, pensarmos sobre o que a linguagem faz conosco e sobre o que fazemos com a linguagem; pensar na metodologia ideal para levarmos as crianças a compreenderem o funcionamento da língua, utilizando-a cada vez melhor. Como devemos fazer para que explorem a língua, com disposição, curiosidade e prazer,

tanto na modalidade oral como escrita, com vistas às práticas sociais letradas? Qual é o melhor “método de alfabetização”? Conheçamos os pontos fundamentais dos principais métodos e teorias:

1) Métodos Globais: Histórias ou Orações

Neste método partimos da análise das partes maiores (todo) para partes menores. Está baseado nos ideais Escola Novistas, que são:

- Conhecer e respeitar os interesses e necessidades das crianças;
- Partir da realidade do aluno e estabelecer relações entre a escola e a vida social;
- Valorizar a leitura, as bibliotecas e o gosto pelos livros.
- A criança tem visão globalizada, percebe o todo.

Alguns exemplos de métodos globais:

- O **método de contos**: iniciamos a leitura a partir de pequenas histórias, adaptadas ou criadas pelo professor. O pressuposto é explorar o prazer de ouvir histórias para introduzir ao conhecimento da base alfabética. Assim, as cartilhas são recusadas por seu artificialismo e falta de relação com as experiências da criança.
- **Método ideovisual de Decroly** - Ovide Decroly (1871-1932): nesse método a filosofia é o respeito aos interesses e ritmo da criança. O programa escolar prevê a organização de centros de interesse, onde o aluno aprende por temas e não matérias isoladas; é fundamental que o professor tenha conhecimentos das necessidades básicas da criança no meio em que vive. As primeiras experiências pedagógicas aconteceram com crianças com deficiência visual, auditiva e outras. Mais tarde o método foi adaptado para escolas regulares: frases tiradas de canções, parlendas.
- **Método natural Freinet** - Celestin Freinet (1896-1966): professor primário que defendeu o método natural, criando uma rede de escolas freinetianas em vários países. No Brasil ainda é aplicado em instituições particulares que valoriza a inteligência, os gestos e a sensibilidade; o desenvolvimento ocorre através da livre expressão, do trabalho manual, da experimentação. Sua pedagogia consiste em estimular a reflexão, a criatividade, o trabalho, a cooperação e a solidariedade. O material de trabalho são os textos livres lidos para os colegas – composição impressa pelas próprias crianças; imersão na escrita/ interesse/textos relacionados à experiência.
- **Base linguística ou psicolinguística**: este método é baseado na Linguística e Psicologia. A leitura acontece a partir de orações, reconstruídas com motivos linguísticos. Iniciou

nos anos 70, no RJ. Os psicolinguistas defendem os seguintes preceitos: respeitar a fase de desenvolvimento cognitivo em que a criança se encontra e tornar o aluno sujeito do processo, cabendo-lhe a iniciativa e a descoberta; a língua é objeto de estudo e o aluno deve ganhar consciência das regras já internalizadas; trabalho com frases, pois ninguém fala por palavras isoladas; saber uma língua é conhecer as possibilidades de arranjo de sons, palavras ou frases, conhecer as estruturas linguísticas e suas regras. O método destaca, ainda, a oralidade e conscientiza a criança das operações sintáticas que pode realizar a partir de uma oração: modificar sujeito, objeto ou pronome.

- **Alfabetização a partir de palavras-chave (palavração):** palavras-chaves destacadas de uma frase ou texto mais extenso são desmembradas em sílabas, que recombinações formam novos vocábulos. Exemplos: Método Natural Heloísa Marinho e Paulo Freire.

2) Métodos Fônicos

Nos métodos fônicos o professor dirige a atenção da criança para a dimensão sonora da língua, enfatizando os fonemas, que são as unidades mínimas de sons da fala, representados na escrita pelas letras do alfabeto. Ensina-se o aluno a produzir oralmente os sons representados pelas letras e a uni-los para formar as palavras. Parte-se, diferentemente dos métodos globais, de unidades menores da língua e a ênfase recai na decodificação e na codificação.

Para Rizzo e Legey (1990), os métodos fônicos sofreram acentuada evolução em virtude dos avanços da Psicologia e da Linguística, tornando-se cada vez mais próximos de um processo analítico-sintético. Segundo a autora, houve uma preocupação em introduzir frases, a fim de incentivar a compreensão. Assim, atualmente os métodos fônicos estão classificados como mistos. O método da abelhinha³ e a casinha feliz⁴ são os exemplos mais comuns, propondo associações visuais e auditivas com a forma e os sons das letras.

Além dos métodos, é fundamental conhecermos a teoria socioconstrutivista, para embasarmos o trabalho de alfabetização e letramento na escola. Penso que nesta teoria, alfabetizar corresponde a compreender para que servem os sinais da escrita (letras, sinais, pontuação, separabilidade) e de que modo eles se articulam no tecido da escrita. É um complexo processo conceitual e não apenas perceptivo.

Assim **alfabetizar = decodificar + compreender + utilizar na vida diária**. E o professor não alfabetiza o aluno; ele é o mediador entre o aprendiz e a escrita, entre o sujeito e o objeto deste processo de apropriação do conhecimento. Escolhemos sintetizar a teoria, apresentando o seu principal representante, que muito contribui na contextualização da aprendizagem na escola.

3 Segundo Carvalho (2005), este método apresenta uma série de histórias cujos personagens estão associados às letras e aos sons.

4 Buscava facilitar a aprendizagem conduzindo a criança ao conhecimento da escrita através de elementos lúdicos, como o teatro de fantoches. Nele as vogais ou os cinco amiguinhos, encostavam-se nas consoantes, materializando a fusão dos sons.

Lev Semyonovitch Vygotsky nasceu em Orsha, na Bielo-Rússia, em 1896, mas foi criado em Gomel. Coursou as faculdades de Medicina, Direito, Psicologia, especialização em Literatura. Sintetizamos a seguir seus pressupostos teóricos:

- O desenvolvimento da inteligência é produto da convivência no ambiente cultural; crê que na ausência do outro o homem não se constrói homem.
- A criança nasce com funções elementares, como o reflexo e a atenção involuntária; com o aprendizado cultural surgem as funções psicológicas superiores, como a consciência e o planejamento.
- As informações não são absorvidas diretamente do meio; elas são sempre intermediadas pelas pessoas que rodeiam a criança.
- A aprendizagem acontece quando mediadores interferem, ajudando a criança a concretizar um desenvolvimento que ainda não atinge sozinha. O caso da multiplicação exemplifica isso. Sabe-se somar parcelas iguais, mas só aprenderá a multiplicação quando descobrir, com ajuda, que o produto da multiplicação se refere também a uma soma de parcelas.
- O aprendizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento. Assim, quanto mais o aluno aprende, mais se desenvolve mentalmente.
- Propõe uma escola que faça o aluno avançar e o professor é o condutor do processo. Ele não espera o aluno descobrir o erro por si só e intervém com atividades para que avance.
- O professor conhece o desenvolvimento real do aluno, mas não para por aí, segue dando pistas, explicações, criando situações desafiadoras para consolidar o desenvolvimento que antes era potencial.
- As atividades de fala, escrita e leitura são muito importantes, pois a linguagem é o principal instrumento de internalização do conhecimento.

4 LETRAMENTO

Penso que a teoria socioconstrutivista resume bem a proposta de letramento, mais coerente para a inserção no mundo das letras das crianças na atualidade. Segundo Magda Soares (1998), os conceitos de letramento se mesclam e se confundem. Estes processos estão interligados, mas são específicos. Assim: alfabetizar é ensinar o código alfabético, letrar é familiarizar o aprendiz com os diversos usos sociais da leitura e escrita. Soares (1998) define letramento como o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo, como consequência de se ter apropriado da escrita.

Diante disso, o letramento trás consequências políticas, econômicas e culturais. Há diferença na extensão e domínio da leitura e escrita, pois o letrado usa a leitura e escrita com

desenvoltura para dar conta das atribuições sociais e profissionais. Enquanto que o alfabetizado lê palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e escrita na vida social.

Seguem sugestões de textos a serem trabalhados para incentivar o letramento: narrativas, listas, poemas, receitas, quadrinhos, bilhetes, cartas e telegramas, convites, propagandas, agendas e diários, textos didáticos, reportagens, relatórios, cheques, formulários, bulas...

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da alfabetização é um problema social, econômico e político em nosso país. Mas, além disso, tal questão é um problema pedagógico, que tem ocupado professores, especialistas e pesquisadores.

Na verdade, apontamos insuficiências na escola, na família, no professor ou no método utilizado, mas o problema persiste e corremos o risco de ingressar no próximo século com esse eterno débito social, ou seja, um número grandioso de analfabetos.

Desde que a escola assumiu o compromisso da alfabetização, os educadores têm pensado e agido em função deste ou daquele método, objetivando desempenhar essa tarefa com sucesso. Ao longo do tempo, o conceito de alfabetização mudou para responder às necessidades da sociedade. Desta forma, da visão inicial – ensinar os rudimentos da leitura e da escrita – passamos à concepções complexas, como a construção do conhecimento pela própria criança, em interação com o grupo. Mas, ainda assim, continuamos com altos índices de analfabetismo, evasão e repetência nas séries iniciais.

Por que a alfabetização tem sido um desafio tão grande? Sabemos que há diversos fatores que interferem no processo de alfabetização. Destacamos, entre eles, a insuficiência de investimentos do poder público em programas sérios de formação do professor e a dicotomia existente em torno do binômio teoria e prática. Tais fatores são cruciais e, aliados às más condições socioeconômicas e psicológicas de nossos alunos, têm contribuído para o insucesso na alfabetização, principalmente por parte dos alunos das classes populares.

Diante disso, precisamos fomentar programas de formação de professores e apoiar a organização de seminários e cursos, que incentivem o estabelecimento de uma relação dinâmica entre teoria e prática, afinal, como disse Freire (1996), o conhecimento nasce do fazer. O sujeito constrói seus saberes, dadas as situações que enfrentam e conforme os instrumentos que possuem.

Acredito que o professor precisa estar instrumentalizado para atuar com sucesso junto aos alunos e isso exige reflexão e questionamento. Implica num redimensionamento do sentido da alfabetização e das ações do professor, além da reorganização do currículo, planejando coletivamente uma intervenção significativa no processo de aprendizagem dos alunos e

valorizando as experiências dos sujeitos envolvidos no processo de alfabetização – aluno, professor e comunidade escolar.

Neste processo, o melhor método de alfabetização é na realidade uma reinvenção de todos os métodos, contextualizando-os e tornando sua prática cada vez mais lúdica e agradável. Assim, caros colegas, é melhor não jogar fora o bebê com a água do banho e, como diz Carvalho (2005), nenhum método tem sucesso com todas as crianças. Para ter sucesso na alfabetização é fundamental compreendermos que o método nada significa se não definirmos muito bem os nossos objetivos educacionais. Assim, ao modo de fazer as coisas, ou de como fazê-las, antecede a intenção de fazê-las e a competência de quem as faz.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PAIVA *et al.* (Orgs.). **Literatura e letramento**: espaços, suportes e interfaces. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RIZZO, Gilda; LEGEY, Eliane. **Fundamentos e Metodologia da Alfabetização**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1990.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.